



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de premiação dos
vencedores do Concurso Nacional de
Cartazes e Vídeos Escolares*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 13 DE MARÇO DE 2000

Senhor Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência, General Alberto Mendes Cardoso; Senhor Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza; Senhores Ministros e Secretários de Estado aqui presentes; Senhor Procurador-Geral da República; Senhor Secretário Nacional Antidrogas, Doutor Walter Maierovitch; Senhor Presidente da Caixa Econômica, Doutor Emílio Carazzai; Senhores Parlamentares; Professores; Alunos; Alunas; Professoras aqui presentes; Senhoras e Senhores,

Faz algum tempo, já, que a preocupação dominante, no Governo Federal – e disse dominante – tem sido orientada na direção de dois problemas que, na verdade, são lindeiros e, às vezes, se fundem: a violência e o uso da droga.

Qualquer um de nós, brasileiros, que tenha acompanhado os acontecimentos no nosso país, e, talvez, no mundo, há de perceber que, nas últimas décadas, ao lado de grandes progressos tecnológicos, ao lado da possibilidade de melhoria da educação, até, em muitas situações, da melhoria da condição de vida, do progresso material, tem havido, também, preocupantemente, nas nossas sociedades, uma tendência à violência e uma disseminação do uso da droga.

Há algum tempo, não se imaginava que esses problemas pudessem alçar-se a nível de preocupação dos Chefes de Estado. Hoje, posso lhes garantir que não há uma reunião em que os presidentes da República e os primeiros-ministros se encontrem, em que alguém não levante a questão do uso de droga e a questão da violência.

E o que é mais espantoso: isso ocorre em países ricos, em países de desenvolvimento intermediário e em países pobres. Em países com pleno emprego e em países com situação de desemprego agudo. Ou seja, é alguma coisa muito mais ampla do que se possa imaginar e que tem por consequência causas muito mais diversas do que aquelas que, às vezes, até, por simplicidade de raciocínio, se imagina que seja a causa imediata.

Na verdade, é uma preocupação que se espalha pelo mundo afora e que aqui, no Brasil tem, realmente, constituído, eu diria, uma dor de cabeça, para qualquer pessoa honesta, decente, que pense no mundo e que pense em si, nos seus familiares, nos seus próximos, na sua família.

Voltei do Chile ontem e, à noite, li, num jornal de São Paulo – acho que foi *O Estado* – uma carta do leitor que me deixou profundamente tocado: uma senhora, que dizia que tinha sido eleitora minha e do Governador de São Paulo – não precisava nem declinar isso; isso não é o que qualifica –, desesperada com a violência, com mortes e bradando aos céus: “Mas será que vocês não fazem nada por nós?”

Entendo a angústia e me sinto tocado por essa mesma motivação. Estamos tentando fazer. É que esse “fazer” depende muito do que está acontecendo agora, aqui. Esse “fazer”, já o disse o General Cardoso, não pode ser entendido como um “fazer” só do governo, como um “fazer” só da polícia ou só das autoridades que tomam conta da prevenção, ou só do Ministério da Educação, nem só do Presidente, do governador, do prefeito. É um fazer coletivo. Depende, também, e muito, das famílias, das escolas, das igrejas, dos sindicatos, da imprensa, da mídia em geral, enfim, de todos aqueles que sentem a gravidade do problema.

Não é um fazer que possa ser decidido por um ato de vontade, uma lei, um decreto, uma exibição de força. Se fosse assim, seria fácil. Não dispensa, naturalmente, leis, decretos e, eventualmente, exibições de força. Melhor que exibição, o uso da força, no momento em

que seja necessário coibir a droga, a violência, o abuso. Mas depende, muito mais do que isso, de uma sensação generalizada de que essa questão é uma questão séria e toca a cada um de nós.

Ao vermos, aqui, como vimos agora, crianças, alguns tão jovens, tão pequeninhos, tive que quase ficar de cócoras, para poder dar um abraço neles, ao vê-los desenhando tão belamente, ou imaginando vídeos, isso anima porque se percebe que, efetivamente, começa a se disseminar, na sociedade, a preocupação, a consciência com a questão da droga e com a sua irmã gêmea, que é a violência, que vem em seguida.

É um trabalho longo, difícil. Não o fosse e já os países melhor equipados do que nós teriam resolvido essa questão. Mas é um trabalho que, com persistência, com convergência de esforços, produz seus efeitos.

Essa mobilização nacional, que começa a existir, além da consciência nacional sobre a questão da droga, é fundamental. A ação educativa é básica. O Ministério da Educação, o Ministério da Cultura, a Secretaria de Direitos Humanos têm que estar unidos à Secretaria Nacional Antidrogas, nessa questão da prevenção.

Isso não vai dispensar a repressão, da Polícia Federal, do Ministério da Justiça, dos procuradores, do Ministério Público, dos juízes, enfim, do conjunto das instituições nacionais, que lidam com a questão do delito, do crime, que têm que estar muito atentos e muito ativos nessa matéria.

E, mais ainda, como toda a gente sabe, a droga tomou, no mundo, conotações graves porque ela se transformou num crime organizado e num crime transnacional. É um crime que envolve vários países. Essa mesma tecnologia que serve – e quanto serve, meu Deus! – para melhorar a condição de vida das pessoas, serve também aos criminosos, que usam dela para tirar vantagem como, por exemplo, no caso da questão do sistema financeiro internacional, no qual a lavagem de dinheiro se tornou mais fácil, em função dos métodos eletrônicos de transferência de recursos de um país para o outro. E, também, em função da existência inexplícável e inaceitável de paraísos fiscais, que abrigam o dinheiro podre do mundo, o dinheiro sujo, da corrupção, da droga, do crime organizado.

É, portanto, uma batalha dura. Uma batalha que requer, efetivamente, uma coordenação de esforços muito grande. Mas é uma bata-

lha que não pode mais ser postergada. Não é do meu feitio, não é do meu temperamento fazer afirmações bombásticas, nem fazer promessas que dificilmente podem ser cumpridas. Quero apenas lhes dizer que o governo federal não está de braços cruzados.

Talvez, se pudesse conversar com aquela senhora que escreveu aquela carta tão pungente e pudesse pedir que ela viesse ver, junto conosco, o que se faz e como é difícil fazê-lo, nós motivaríamos mais pessoas para fazerem junto conosco esse grande esforço de combate à droga e de combate à violência.

Muitas vezes, o combate não há de ser dado através de mecanismos espetaculares. Li uma entrevista de um chefe de polícia de Nova York, que o General Cardoso me enviou, que me impressionou muito. Nova York era uma cidade extremamente violenta. Quando, nos anos 60 e 70, se difundiu o uso da droga, se generalizou muito o uso da droga na sociedade americana, a violência aumentou muito também. Nova York era uma cidade onde as pessoas não se sentiam seguras ao caminhar pelas ruas. A mim me tocou viver nos Estados Unidos algumas vezes. Nunca vivi em Nova York, mas vivi muito próximo, em uma cidadezinha chamada Princeton, que tem uma universidade, e ia com frequência a Nova York, nos anos 70. Muito antes disso, nos anos 60, eu também ia, com certa frequência, a Nova York, porque era funcionário das Nações Unidas. E se via, naquela época, o temor no rosto das pessoas. Ninguém tinha coragem de sair à noite para andar em certas zonas bem centrais, como aqui, no Brasil, muitas vezes, ocorre isso, no Rio, em São Paulo, em Brasília, em Belo Horizonte, e por aí afora.

Pois bem, houve um momento em que a sociedade americana percebeu que não dava mais, que era preciso fazer alguma coisa. O que foi feito? Muitas coisas foram feitas, mas entre as muitas que foram feitas, foi feita uma fusão da polícia com a comunidade. Foi criada uma espécie de policiamento comunitário. E os policiais saíram dos automóveis, dos carros, para andarem a pé nas ruas, para estabelecerem contato direto com as pessoas, para falarem com o dono do bar, com o dono do armarinho, com quem seja que estivesse ali próximo,

com o passante, com o habitante daquele bairro, para criar uma teia de solidariedade, de coesão, de confiança.

Quando a população desconfia e tem medo, tem medo do bandido, mas tem medo de quem deve processar ou deve prender o bandido, a coisa é complicada. O primeiro passo a ser tomado é restabelecer a confiança, acreditar que existe gente de boa vontade e de capacidade que está se mobilizando para acabar com a violência. E a droga é uma violência.

O que vocês estão fazendo nas escolas, o que a Senad está fazendo, os vários órgãos de governo, as várias escolas, a Federação Paulista de Futebol, os vários clubes, que têm nos ajudado muito, os jogadores, que vestem a camiseta da luta contra a droga, o que estão fazendo é, precisamente, algo semelhante: é mostrar ao país que há quem tenha preocupação, que há quem tenha solidariedade, quem tenha um sentimento de coesão, de apoio. Isso tem que começar de pequenininho, com as crianças. Por isso é tão importante fundir as escolas nessa luta contra o uso da droga.

Assim como, em um dado momento, nos Estados Unidos, a sociedade chegou ao entendimento de que não dava mais, que havia que dar um basta, no Brasil não dá mais. É preciso dar um basta. Um basta à violência. Um basta à droga. Um basta à corrupção. Um basta ao crime organizado. Um basta ao descaso.

Agora, esse basta não pode ser olhar e dizer: “E vocês aí, o que fazem?” Deve olhar também. Cada um tem que perguntar: “E eu, o que estou fazendo? Será que estou educando melhor meu filho? Será que eu, como professor ou como professora, estou ajudando nisso? Será que eu, como criança, mesmo um pouco mais velha, estou ajudando? Eu, como jogador de futebol estou ajudando, como atleta?” Enfim, todos os cidadãos e as cidadãs brasileiras têm que ajudar nesse processo para que possamos, efetivamente, dar um basta a isso.

Estamos nos organizando. Vamos nos organizar crescentemente. E à medida que formos nos organizando, que nós formos nos entrosando, como estamos fazendo, criando instituições que lidem com essas questões, vamos vencer essa batalha.

Não existia a Secretaria Nacional Antidrogas. Não existia. Isso há três anos. Não existiam leis capazes de coibir a lavagem de dinheiro. Não

existiam mecanismos, e ainda são insuficientes, para permitir que haja maior controle, por parte do governo, dos abusos que existem.

Há, no Congresso, leis que não estão sendo votadas e que deviam ser votadas como, por exemplo, a lei que permite quebrar o sigilo bancário, em certas circunstâncias, para evitar que aquele que usa o dinheiro da droga, ou da corrupção, fique impune. É preciso que a sociedade saiba disso e que pressione o Congresso, para que o Congresso, que já deu tantos passos, dê novos passos.

Há uma lei de desarmamento, que mandei para lá há algum tempo. É preciso que ela seja aprovada, que se modifique o que o Congresso entender, mas que se dêem sinais concretos ao país de que não queremos continuar vivendo numa sociedade que tem medo. Não queremos ter tantas famílias que vêem seus filhos perdidos pelo uso da droga. Não queremos ver tanta violência e tanto crime praticado pela motivação da droga.

É por isso que me parece que a ação da Senad, a ação do Gabinete de Segurança Institucional, do Ministério da Justiça, dos promotores públicos, do Ministério Público, da Justiça no Brasil, das polícias tem que ser, cada vez mais, entrosada, tem que ser, cada vez mais, uma ação coordenada, em que se deixe de lado as querelas burocráticas de uns e de outros: “O que que eu devo fazer? O que que é meu direito, o que que é seu direito?” É nossa obrigação, não é nosso direito, combater a droga.

Termino agradecendo imensamente a todos os que participaram desse concurso, aos que patrocinaram, como a Caixa Econômica, aos que participaram desse concurso, essa meninada toda que se motivou e que demonstrou que está, realmente, tendo consciência de um problema dramático e demonstrou, também, que tem uma das virtudes que mais fazem um povo capaz de se realizar como povo e, portanto, uma Nação que pode ir para a frente, que é essa sensibilidade artística.

Alguns desses desenhos que aí estão me deram, realmente, uma emoção grande. E, como mal sei escrever meu nome, de tão desajeitado que sou, quando vejo crianças tão pequenininhas fazerem coisas tão bonitas, fico muito feliz.

Muito obrigado e parabéns a vocês.